



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 26 de Outubro de 1985 * Ano XLII — N.º 1086 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Notas da Quinzena

◆ Lá vai o tempo em que a mulher era a rainha do lar! Ali os seus sonhos e realização quotidiana de senhora e mãe. Tão feliz! Cheia de dignidade, mesmo nas suas próprias dores! Quantas, ainda, graças a Deus!

Mas repensem nas aquelas que, pura e simplesmente, o abandonaram: Umas, porque já não suportam o cheiro dos cueiros; outras, por urgente necessidade do pão de cada dia. E assim, por elas, foi a invasão do mundo do trabalho.

Consequências terríveis, sobretudo, no campo da educação dos filhos; e, mais grave ainda, no da afectividade.

Para onde nos vai conduzindo a nossa falsa civilização! Hidra gigante que tudo envolve e vai matando os rios, a

selva, os animais, o amor e a nós próprios.

Já falei, aqui, daquele inquerito que se fez num Estado americano: «Gostas mais dos teus pais ou da televisão?». Oitenta por cento dos filhos responderam: «Televisão».

De dia, os pais trabalham; à noite, a televisão e o sono tomam conta da família toda. Os filhos vão, insensivelmente, relegando os pais para um segundo plano. Os pais, pouco a pouco, vão-se demitindo do seu papel de companheiros e educadores. E acontece que, em lugar do amor e harmonia no lar, a Comunicação Social despeja em cima das imaginações jovens e infantis todos os crimes acontecidos no mundo e arredores, o sexo e a violência.

Recordo, neste momento, as mães africanas: Os filhos são para elas a maior bênção de Deus. Elas os assumem nas dores de os ter e da vida. Sempre com eles. Eles em casa, nas viagens e na lavra. Também com eles nos terreiros das sanzalas, cantando e dançando à luz da lua e das estrelas.

O contraste com expressões que se ouvem entre nós: «Aconteceu»; «Foi um engano...»; «Já não contávamos com este rebento...». Só rebento... Mais um vime que safu do tronco... Um vime que irá crescendo na margem. A mãe não terá tempo de o afagar e guiar com os seus dedos ternos. Para mais, num prédio sem quintal; sem espaços de relva, de sol e de lua; debaixo de pressões e ventos que o entortarão para sempre. Marcados a ferro tantos dos nossos rapazes, pela falta daqueles dedos maternos e espaços de vida...! Grande lacuna!

Embrulhados pela produção e consumo, já não somos capazes de viver com simplicidade. E toca de meter os filhos no

Cont. na 3.ª pág.

Mais um alerta muito importante

A carta é do assinante 19214, do Porto:

«(...) Ontem, domingo, apareceu um garoto em minha casa, intitulado-se cobrador da Casa do Galato, com um livro de recibos que minha mulher diz que nem sequer trazia timbre, pedindo para que liquidasse os débitos da minha assinatura d'O GAIATO!! Minha mulher, desconfiada, não pagou.

Andarão a tentar cobrar dinheiros sem conhecimento da Casa do Galato?!

O garoto terá uns catorze anos e deu várias desculpas para as perguntas que minha mulher lhe fez, estranhando que ao domingo viessem fazer cobranças e também a falta de identificação do rapaz...»

Todos os dias chegam cartas e telefonemas e gente — que nos aborda pessoalmente — a perguntar se somos nós. Não somos! Os nossos rapazes não pedem e os que distribuem O GALATO andam credenciados.

Trata-se dum grupo organizado que actua, no e para além do grande Porto, com carimbos e recibos falsos. Todos os dias enganam pessoas desprevenidas — e estão criando um mau ambiente à nossa Obra!

Por isso, recomendamos aos nossos Leitores que tenham cautela. Muita cautela. Em flagrante delicto, comuniquem à Autoridade mais próxima. E passem palavra a outros que, apesar de serem nossos Amigos, desconhecem a maneira de ser e de agir da Obra da Rua, das Casas do Gaiato — para que não sejam burlados facilmente.

Repetimos: Os nossos rapazes não pedem e os que distribuem O GAIATO andam credenciados.

Padre Telmo



Um grupo dos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Lisboa — Santo Antão do Tojal (Loures) — afirma a todo o mundo: «Nós somos a Porta Aberta!»

TRIBUNA DE COIMBRA

■ Ficou viúvo e doente. Já idoso e só, juntou-se com mulher nova e geraram vários filhos. Um e outro sem capacidade para educar. Os filhos são um tormento e indesejáveis para a gente daquela terra.

«O povo não os quer cá e a Guarda Republicana já não sabe o que lhes há-de fazer» — é assim que o pároco nos escreve e pede que aceitemos o mais velho, de dez anos.

O povo juntou-se e pagou a um carro de praça para o pai vir trazer o filho.

Quando vi aquele homem pesado, já dobrado sobre si mesmo, a caminhar muito a custo, de saca de plástico na mão onde trazia uma garrafa de chá e as cédulas de vários filhos, com vontade de me contar o seu calvário e a sua má sorte, fiquei sem vontade de o ouvir

e de lhe responder. Apeteceu-me contar-lhe também as minhas preocupações e aflições daquele dia que me traziam moído.

Fiquei em silêncio. Recebi as cédulas de dois em vez de um. Trouxe o de dez anos e um de quatro. Contou que o de quatro já vai para o mal levado pelo de dez e por uma irmãzita de nove. Fui levar um à escola e o outro para junto dos mais pequeninos. Andam sorridentes. Mostram não sentir nada a mudança.

Havíamos, querido leitor, de fazer aqui os nossos comentários: O planeamento familiar. O homem e a mulher que se juntam sem condições familiares. O prazer e a geração dos filhos. E mais. E mais. E mais. Não fazemos. Cada um que faça os comentários. Os habi-

tantes a queixar-se das povoações a desaparecerem. Os professores com escolas sem alunos. Muitos casais à procura de compensações que seriam os filhos — se os aceitassem. Pais amargurados porque o menino ou menina não os atendem. Muitos pais a demitirem-se das suas responsabilidades. Casais que querem ser livres e não querem filhos. E outros males do nosso tempo.

Na despedida vi a amargura deste pai e as suas lágrimas de amor.

■ A nossa escola-oficina de artes gráficas está nos últimos acabamentos. Foi um mergulho que nos tem custado muito! As vezes penso que os Amigos ainda não deram conta

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GALATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A pequenita, órfã de pais, está confiada aos avós. Uma história, histórias dolorosas que acompanhámos, assiduamente, antes da miúda ser.

Não vamos abrir as páginas do passado longínquo, mas algo do recente.

Durante o ensino básico, apesar das óbvias carências mitigadas pelos nossos Leitores, a mocita segredava permanentemente que desejaria ir mais além: «Gostaria de continuar a estudar...»

Muda, agora, para o Secundário. A velhinha vê-se consumida com a burocracia e o mais! Sossegámos as duas, do ponto de vista material, enquanto for possível.

Neste jornadaear pela burocracia, não deixámos de motivar a pequena — doze anos cheios de esperança — para que abra os olhos e alivie a inapetência da avó nestas voltas. Estimulada, responde com serenidade: «Eu trato do resto da papelada. Depois, presto contas...»

Hoje, foi o primeiro dia d'aulas. Lâmpa, discretamente vestida, saquita a tiracolo, regressa exuberante; porém, um tudo nada aflita com duas dolorosas: «O passe da camioneta (para três meses) são 2.903\$00. Está aqui. Os livros custaram 4.130\$00. Mas ainda falta um...!» Mostra tudo e entrega o respectivo talão.

Foi uma boa ocasião para reforçarmos o estímulo, para que se faça gente, perseverando no estudo. Mais: para saber encarar, por lá, mais seriamente ainda, o bom caminho, separando o trigo do joio.

— O futuro está nas tuas mãos...!

Olhos nos olhos, fita-nos com ar de circunstância e um sorriso transparente: «Estejam descansados! Eu quero estudar...»

● Antes d'arrimar ao posto de trabalho, no grande Porto, um vicentino transmite recado urgente pelo telefone, extensivo ao presidente da nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, um jovem de vinte e sete anos, na ocasião ausente, que procura zelar pelos Outros, como procede em campo mais vasto do ponto de vista profissional.

— F. piorou! Convém darmos lá um salto... — implora o recoveiro dos Pobres.

Fomos. É um caso para o qual somos, desde início, muito sensíveis, até por razões d'ordem pessoal.

O doente, entre a vida e a morte, poderia fazer agora na fronteira da miséria, não se mexessem os papéis na devida altura. Isto é, o casal sobrevive dignamente, com o mínimo de subsistência, sem ter que andar de mão estendida. Materialmente, só acudimos numa ou noutra emergência, em receituário muito caro.

O nosso Amigo já mal nos conhece, vitimado por novo derrame. Depois, sim, mas sem a exuberância doutros tempos. O princípio do Fim! Na cabeceira da cama há um cru-

cifixo, símbolo da Paixão do Redentor e sinal de fé do casal — mais unido pelo Grande Sacramento. Reflectimos na Morte e Ressurreição de Jesus. Dissemos adeus àquele Amigo. Até sempre!

PARTILHA — Por intermédio do Espelho da Moda: «Pequenina ajuda» da assinante 19177, do Porto, e o voto habitual — «até ao mês que vem, se Deus quiser»; num sobrescrito, 200\$00; noutra, 500\$00 «duma Maria Amélia»; quatro vezes mais da assinante 13519, também do Porto; «Assinante da casa dos 100», com a amizade de sempre, 500\$00; e o dobro da assinante 9811 «pela passagem de mais um ano que o Senhor nosso Deus me quis dar».

O nosso Padre Baptista veio até nós e deixou 2.000\$00 dum anónimo, «para a Conferência de Paço de Sousa», que lhe entregaram algures.

Assinante 27089, de Santarém, «pequena ajuda para os meus Irmãos mais carecidos» e uma promessa: «ser mais assídua, se Nosso Senhor me der vista e alguma saúde». Um bom e velho Amigo, da Avenida Fernão de Magalhães, Porto, enfileira com «modesta quantia para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Nova presença de um «Sacerdote anónimo» da Diocese de Braga.

Agora, vem lá a assinante 11295 com vultoso cheque, dividido por vários sectores, inclusivé pela nossa Conferência, e só pede que digamos: «Chegou».

Outro cheque de «uma lisboeta», assinante 27385, e saudações que retribuímos na mesma proporção. Mais um vale de correio, de «velha Amiga», de Lisboa, que, «desta vez, graças a Deus, envia um pouquinho mais».

Assinante 26471, de Algueirão, 1.000\$00 «destinados à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, referentes aos meses de Outubro e Novembro; como é hábito gostaria fossem entregues a uma senhora idosa e doente, para ajuda da sua manutenção». E acrescenta: «Oxalá que, em breve, possa aumentar a minha modesta contribuições».

A «Maria de Portugal» com «a migalha de Outubro para os Pobres»: 500\$00. Os habituais 10 rands de Umbilo (África do Sul). Mais 1.000\$00 da assinante 22628, do Porto. «Avó de Sintra» manda 2.000\$00 com «um fraternal abraço» — já retribuído — «para a família do costume». E acrescenta: «Pudesse eu ajudar mais essa família e outras, dos milhares que estão em aflição porque lhes falta o trabalho, não lho pagam ou têm pensões de miséria...» Por fim, a assinante 8451, de V. N. de Gaia, com um cheque por alma da irmã Judite.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

VINDIMAS — Terminaram as vindimas!

Tempo de vindimas é sinónimo de alegria e de trabalho. Até irmos pisar uvas no lagar a festa não pára!

MUDANÇAS DE TRABALHO — Todos os anos, nos princípios de Outubro, procedemos à mudança de faxinas. É assim: Os que têm idade para decidirem sobre o seu futuro profissional escolhem a oficina onde gostariam de fazer carreira. Os outros vão ocupar os lugares vagos, deixados pelos que escolheram as oficinas.

DESPORTO — No dia 5 de Outubro realizámos dois encontros de futebol com equipas do Grupo Desportivo de Azurara.

Os seniores, que defrontaram a nossa equipa, são treinados pelo ex-gaiato Jorgito. O encontro terminou com um empate: 1-1.

No outro jogo, entre os mais novos, a vitória foi para os visitantes: 3-1.

Aproveitamos para fazer um convite a associações ou clubes que tenham equipas de iniciados e juvenis: Podem contactar connosco para efectuarem jogos com as nossas equipas mais novas.

CARAS NOVAS — Temos mais rapazes novos, o que é sempre motivo de curiosidade por parte da comunidade.

Alguns dos que chegaram já têm apelido, como o «Dentinho», o «Mondogo», o «Matosinhos». O Quintino é a nova coqueluche. Tem 4 anos.

Vamos ajudá-los, o mais que pudermos, para gostarem de estar connosco, nesta belíssima Aldeia dos Rapazes — Lar dos que andavam pelas ruas, ao sabor do vício e da imundície.

Ludgero Paulo

Miranda do Corvo

FESTA — No primeiro domingo deste mês estivemos em festa.

Foi a primeira Comunhão de um grupo; e, para outro, a afirmação de Fé, em compromisso de vida com Jesus Cristo — ambos preparados com a ajuda de catequistas amigos.

O grupo da primeira Comunhão era muito grande. Houve que ser dividido em grupos menores para tomarem melhor consciência da importância do passo que iam dar. Pouco a pouco foram instruídos no melhor conhecimento da Doutrina Cristã, entrando nesta Família de Deus, que sendo já deles pelo Baptismo, se tornou mais, pela escolha consciente e individual de cada um.

Também nos preparámos para a festa deles que, na realidade, era de todos, pois todos somos uma só Família na Fé. O nosso Padre Telmo, que habitualmente está em Paço de Sousa, ficou connosco alguns dias, ajudando na preparação, falando-nos de como ser cristão, nos nossos dias, tão difícil é no que se refere ao entendimento humano, na paz, no amor, na igualdade de direitos e deveres, na continuação da Família, na sã educação dos filhos; e mais que se não

diz porque em tudo há que acusar o esquecimento dos valores humanos e das Leis de Deus.

Preparámo-nos ao longo daquela semana anterior à festa, sendo o ponto alto a celebração penitencial na véspera das cerimónias.

No dia da festa houve muito movimento. A uns, dominava-os a emoção; a outros, animava-os os trabalhos, sempre necessários para que seja festa. Na Eucaristia ouvimos a afirmação dos mais novos; um sim bem grande para que ninguém duvidasse que tinham vontade de encher aquelas almas grandes, em corpos pequenos, com o seu sim. Nos maiores foi um sim de confirmação e reafirmação da Fé que abraçaram e dizem não querer largar. Veremos!

O nosso dever, e deles também, é fazer que o sim — que dos seus corações brotou tão calorosamente — jamais arrefeça, mantendo-se fiéis aos compromissos tomados.

OBRAS — Não é só a nossa Escola Gráfica, quase construída e equipada, que faz parte do quadro diário das obras em nossa Casa. Há um tempo que procedemos à renovação doutras moradias, onde é preciso.

Há pouco tempo, uma pequena casa

ao fundo da nossa quinta, moradia de muitos que depois arranjaram outras, levou uma placa de cimento no telhado a fim de preservá-la dos estragos do tempo.

Também outra casa, lar abençoado de outros, é transformada com vista a futuros quartos dos nossos rapazes, pois são muitos e a lotação está esgotada. Destelhou-se e mudaram-se barrotos que não ofereciam consistência; e, agora, arma-se um burburinho cá em Casa para ver quem são os estreates.

AGRICULTURA — Procedemos à vindima, num sábado de sol com as uvas a convidarem para a azáfama que há muito esperávamos.

Enchemos cestos e cestos. Belos! Aqui e ali depençados pela malta e pelo apetite que despertavam.

Alguns, se pudessem, comeriam mais do que os cachos depositados nos cestos! Fez-se o vinho e guardámo-lo no bagaço.

Houve mais vinho, este ano, do que o ano passado; mas não tanto como o esperado. Promete ser bom!

Senhor, obrigado por tudo quanto nos dá!

Chiquito-Zé

Livros «PÃO DOS POBRES»

1.º volume (5.ª edição no prelo), 2.º volume (4.ª edição), 3.º volume (3.ª edição), 4.º volume (1.ª edição).

Eu tenho que o Pão dos Pobres, sendo obra de intuição e de amor, há-de necessariamente num instante ser **queimado** — porque tu mesmo te **queimas** ao olhar prò que ele diz. Hás-de encontrar-te, nas suas páginas, com o condenado a pena maior, com o vadio profissional, com a mulher do lupanar, com o larápio reincidente, cada um com sua história, todos feridos de miséria.

Hás-de ver a menor com o filho ao peito, enganada; a mulher com três ou quatro, trocada agora por outra; a esposa do tugúrio, repudiada — males fáceis de fazer, difíceis de sarar. Tudo vem bater à porta do recoveiro do Pobres e ele tudo relata para que o mundo saiba amar.

Não váis ler um romance social, nem ver feiras de pantomimas, mas sim a realidade do Evangelho do Pobre, a curar feridas da pobre humanidade, que este é o melhor testemunho de Cristo.

D. Américo!

Mais livros da autoria de Pai Américo — **Obra da Rua** (3.ª edição, actualizada); **Isto é a Casa do Galato**: 1.º volume (3.ª edição no prelo), 2.º volume (2.ª edição); **Barredo** (2.ª edição — nova recolha e selecção de textos); **Ovo de Colombo** (2.ª edição); **Viagens** (2.ª edição — reordenada e aumentada); **Doutrina**: 1.º volume (2.ª edição — aumentada), 2.º volume (1.ª edição), 3.º volume (1.ª edição).

Obras doutros Autores — **Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo**, Dr. João Evangelista Loureiro; **O Calvário**, Padre Baptista; **A Porta Aberta — Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte (2.ª edição); **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz (3.ª edição, aumentada).

As requisições podem ser dirigidas a qualquer uma das Casas do Galato ou à Editorial da Casa do Galato, Paço de Sousa, 4560 Penafiel.

AQUI LISBOA!

«Como há-de o Mundo con-
doer-se das angústias do Pobre
se não há quem as pregue? Quem
há-de abrir corações fechados,
semear afectos, plantar e culti-
var resoluções, levar almas a me-
ditar, quem, se vamos aceitar a
doutrina falsa que ensina a es-
conder o estado do Pobre e
condições do Miserável?» (Pai
Américo)

Parece que vai tudo muito
bem, sem dificuldades ou car-
rências. Ou então que as pes-
soas vivem adormecidas, sem
darem conta do que se passa
à volta. Os políticos, então,
dizem-nos que vai tudo às mil
maravilhas e se algum mal
existe tal se deve aos da cor
contrária. Entretanto, para con-
solar dos mais atentos ou so-
fredores, promete-se o paraíso
para breve. Quem afirma que
há Pobres ou necessidades ele-
mentares por satisfazer é men-
tiroso ou não vive neste mun-
do...

Festas estrondosas ou ban-
quetes sumptuosos, bem comi-

dos e melhor regados, à custa
dos dinheiros públicos, é norma
corrente de Norte a Sul do
País. As eleições continuam à
porta e é preciso tratar da clien-
tela política. Entretanto, tachos
e benesses variados vão sendo
distribuídos aos apaniguados
ou afins, que os outros não têm
lugar no rateio.

Nos jornais noticiava-se que os
veículos do Estado para uso
pessoal só podem ser adquiri-
dos desde que o seu valor não
ultrapasse os três mil e quin-
hentos contos! Não há dúvidas
que os critérios de parcimónia
estão presentes! Gastar o que
não nos pertence nem nos cus-
tou suor é sempre fácil. Se for
preciso muda-se de tipo de
carro ou de marca, substitui-se
o mobiliário ou a decoração
dos gabinetes a belo prazer.

Cortejos, desfiles, espectá-
culos, etc., com artistas estran-
geiros, se for caso disso, mul-
tiplicam-se. Realizações pseu-
do-desportivas e ditas culturais
aparecem, aqui e além, sem
contrapartidas visíveis ou be-

néficas. O dinheiro some-se em
banalidades, enquanto o essen-
cial é descurado ou esquecido.

Milhares de contos de fogue-
tes e de fogo, nomeadamente
em festas ditas cristãs, mas
paganizadas, são consumidos
por esse País fora, enquanto
aspectos vitais são relegados
para segundo plano. O que
importa é fazer figura, ultra-
passando os festeiros anterio-
res nos gastos e no estrondo.
Não há Pobres nem urgências
nas freguesias...

A maioria, eivada de consu-
mismo e ao sabor do prazer,
gasta o que tem e o que
não possui, se possível com
golpes à mistura. Letras pro-
testadas, cheques sem cobertu-
ra, calotes variados são hoje
um lugar comum. A ordem é
gastar, mesmo que fiquem por
preencher lacunas fundamen-
tais na casa de cada um. A
inconsciência é tal e a desper-
gonha tamanha que permitem
andar de cerviz direita muitos
que nem coragem deveriam
ter para encarar o seu seme-
lhante ou sair à rua.

Já ultrapassa o número de
cem pedidos de admissão de
Rapazes recebidos este ano!
Cada vez que dizemos «não»
é uma dor que sentimos no
íntimo da nossa alma. Os invál-
idos ou doentes incuráveis não
têm quem os abrigue (sobre
isto poderia o nosso Padre
Baptista falar com autoridade).
Crianças esfomeadas pululam
pelas baiucas periféricas dos
grandes centros, quando não
acoram às portas mais con-
corridas, para pedinchar. An-

Retalhos de vida

Vítor Centeio



Sou o Vítor de Andrade Centeio, natural de Para-
duça. Nasci em 9/12/71 e tenho, portanto, treze anos.

Vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa porque
a minha mãe faleceu num acidente e somos seis irmãos, três
rapazes e três raparigas.

Eu e o meu irmão Alexandre estamos aqui muito bem,
em nossa Aldeia de Paço de Sousa que é tão bonita! Ou-
tro está com os padrinhos, no Porto. Duas das minhas irmãs
em Lisboa; e mais outra com o meu pai, em nossa casa.

Frequento a quarta classe da Instrução Primária. Estou
muito atrasado!...

O meu trabalho, aqui, fora das horas da Escola, é a
limpeza do rés-do-chão da casa quatro. Eu e outro. Enten-
demo-nos bem.

Sou ainda distribuidor d'O GAIATO, em Vila Nova de
Gaia. Por isso mando muitos cumprimentos para todos os
Lêitorês, especialmente para os meus fregueses.

Vítor Centeio

ciãos abandonados são uma
constante em todas as classes
sociais. O desemprego é o que
se sabe, a promiscuidade dos
bairros de lata e a falta de
casas são gritantes e há mi-
lhares de cidadãos com salá-
rios em atraso, enquanto as
falências se multiplicam. Vai,
na verdade, tudo muito bem e
apetece-nos, por isso, exclam-
ar: Estamos no paraíso, não
há miséria e os Pobres foram
banidos! Continuemos, pois, o
regabofe da insensibilidade e
da apatia.

● Os nossos Amigos de Lou-
res e arredores que dese-
jam ser assinantes d'O GAIATO
podem inscrever-se direc-
tamente ou por via postal, na
Casa do Gaiato, Santo Antão do
Tojal, ou ainda pelo telefone
9849019. Em Loures, por ami-
zade especial, poderão contac-
tar a Ourivesaria Miranda e
não Ourivesaria Pimenta como,
por lapso, foi anteriormente
indicado.

Padre Luiz

Notas da Quinzena

Cont. da 1.ª pág.

primeiro balancé que aparece
para correrem para o emprego.

Tantas mães que mal ganham
para pagarem o serviço domés-
tico, transporte e a creche dos
filhos!

Uma vida mais simples e um
subsídio às mães e seria o re-
torno feliz... Além disso, se-
riam milhares de empregos
para os pais de família que não
o têm.

«Poeta alegre!» — disse-me
alguém. Sim, já não consegui-
mos tapar o dique. É mais uma
brecha para o declínio da nossa
pobre civilização.

◆ Quando a mãe é a mulher
forte e temente a Deus...
tudo se transfigura!

Conheço-a. Ficou sem o
marido cedo. Criou quatro fi-
lhos com imenso sacrifício. Só
o seu modesto trabalho. Dois
quartinhos num bairro degra-
dado onde mal se remexem.
Heróica! Dois filhos estão no
último ano da Universidade; o
terceiro está a entrar; o quarto,
no 12.º. Quando os conheci,
chorei ao ver a ternura que
eles dão a sua mãe e o carinho
com que ela os rodeia.

Que bom se a Comunicação
Social nos mostrasse estas
mães e tais filhos...! São outros
os ídolos nascidos da quotidiana
inversão de valores!

Além deles mal coube, na
pequena habitação, uma máqui-
na de costura! Mas o amor e a
harmonia não têm tabiques.
Brotou, neste lar, uma fonte de
paz que transborda e corre!

Padre Telmo

Associação dos Antigos Gaiatos (Zona Norte) Assembleia Geral

Convoco uma reunião de
sócios efectivos da nossa
Associação para hoje, dia 26
de Outubro, às 15 horas, no Lar
do Gaiato, Rua D. João IV,
682, Porto, com a seguinte or-
dem de trabalhos:

1. Leitura da acta da anterior Assembleia Geral;
2. Proposta de alteração dos estatutos;
3. Ponto da situação sobre a nossa colaboração nos preparativos da festa do centenário do nascimento de Pai Américo.

Comparece! A tua presença
e participação na ordem de
trabalhos dá mais força à con-
cretização dos objectivos espe-
cíficos da nossa Associação.

Carlos Gonçalves

Tribuna de Coimbra

Cont. da 1.ª pág.

desta nossa nova missão. O
edifício está a ficar pronto e
algumas máquinas à espera de
serem montadas nos seus luga-
res e ... trabalhar.

Queremos começar! Neste
momento ainda não chegou
qualquer encomenda de traba-
lho. Está na hora! Mestre à
espera e rapazes preparados.
Queremos começar! Devagari-
nho, mas andar. Estamos à tua
espera.

Padre Horácio

Do que nós necessitamos

Há tempo, um transmontano
referiu que não publicámos o
seu contributo. Nem sempre
calha, meu senhor. Esta coluna
é mais para que se saiba quan-
to somos amados, todos os
que estamos confiados à Obra.
As obras das nossas Casas, e as
aflições atenuadas de quem
nos procura e precisa, não se
fazem só com boas inten-
ções mas com obras, e estas
com muito amor por intermê-
dio de uma enorme multidão
de Amigos e o contributo de
todos os nossos rapazes, desde
o maior ao «Batatinha» mais
pequeno.

«Um Amigo», duzentos escu-
dos; Etelvina Oliveira, dez mil;
mais «uns pequeninos grãos»
(mil escudos), do Porto; outro
tanto de Aveiro e dez vezes
mais de quem as necessidades
são mínimas, comparadas com
as da nossa Obra; Amigos de
Matosinhos que nos visitaram
em Julho, 28.750\$00. «Para po-
bres doentes», três notas de
conto; cinquenta notas iguais
com pedido de orações; assi-
nantes de A Ordem, pela mão
do seu administrador, treze
mil, em cheque; um grupo de

farmacêuticos, licenciados pela
Universidade do Porto, e que
se juntaram para festejar o
40.º aniversário do seu curso,
5.700\$00; grupo de Trabalhadores
da UNITECA — Valongo,
oitocentos, mais 1.050\$00 e
outras quantias de muitas ve-
zes; Maria de Fátima, da Póvoa
de Varzim, dez mil; pelo bom
êxito no exame do filho, uma
nota de cinco contos; trezen-
tes e cinquenta fêmeas poedei-
ras, do Aviário de Santa Cita,
de Tomar. Este Aviário ofere-
ce-nos, regularmente, preciosas
dádivas de pintos que,
além dos ovos, mais tarde
aproveitamos para carne, hoje
tão cara!... Até pelo preço
dela, não sei como há quem
ainda consiga alimentar ca-
chorros com boa carne — como
já tenho presenciado. Nem oito
nem oitenta! Os cães são ani-
mais que não devemos tratar
mal; e não é nada saudável
— para a nossa sociedade —
dar do melhor a animais, en-
quanto por esse mundo fora
multidões passam fome, nomea-
damente na nossa Pátria. Ofer-
tório de Missa, de uma excu-
rção de Aveiro, vinte e cinco

mil escudos. «Como se apro-
xima a data do meu aniversá-
rio, e à semelhança do ano
anterior, tenho o prazer de en-
viar um cheque de 11.000\$00»
— partilha do assinante 12029.
Que excelente maneira de feste-
jar os aniversários! Também
das crianças de uma Escola, da
Areosa, 1.230\$00. Adozinda, dez
mil; Aires, de Agueda, doze
mil extensivos aos nossos
Doentes do Calvário; Penafiel,
por alma de Florinda, 4.000\$00.
«Uma anónima 100% Gaiata»,
dois mil; em acção de graças
por 40 anos de casados, de
Roda de Cárdigos, 6.550\$00;
para um pobre doente, mil;
oito mil escudos com pedido
de orações para os filhos João
Manuel e Maria Fernanda;
grupo de antigos alunos da
Escola Nossa Senhora da Lapa,
2.250\$00; quarenta mil de Car-
mindo, e um poema bonito
dedicado a Pai Américo. Ho-
ras extras de um anónimo, cin-
co mil escudos. Pedreira, 1.450\$;
uma Quitéria, 200\$00; visitan-
te da Companhia dos Telefo-
nes, do Porto, 4.050\$00; Ami-
tório de Aveiro, vinte e cinco

Cont. na 4.ª pág.

Hoje não sou eu a ocupar esta coluna do «Famoso», posto venha na continuação do pensamento com que concluí a minha colaboração no derradeiro número: «Nunca Pai Américo se julgou um singular. Sempre repugnou ser tido como tab».

Aí está ele a dizê-lo. E não faz mal que já o tenha dito neste mesmo lugar. Foi há tanto tempo (4/Agosto/1951) que a sua palavra, sempre nova porque ao serviço do esclarecimento da verdade, é realmente nova, tanto para os que a desconhecem como para os leitores daquele tempo, que hoje vão regozijar-se com a repetição de tão saboroso manjar espiritual.

«Dantes, quando eu não tinha asas e andava de comboio, não era raro ouvir aquela exclamação, de dentro das carruagens, ao passar pelos corredores: «Se todos fossem assim!» Era de mim que falavam.

Eu não podia, naturalmente, entrar em cada uma e fazer um sermão a cada senhor; não podia. Mas ficava com pena de um tal conceito. Na verdade, aqueles senhores, falando assim, pretendiam limitar o poder exuberante da Igreja. Assim como na ordem da Natureza a diversidade das coisas é que a torna bela, assim também na ordem da Graça — e esta é a seiva da Igreja.

Mas o que mais me preocupa, é a crescente expansão deste erro, posto na alma de meio cento dos nossos rapazes que trabalham hoje no comércio e na indústria. Eles trazem isto para Casa e, nas reuniões se-

manais, colocam sobre a mesa de trabalho aquela doutrina e querem saber como é. Isto é muito prejudicial à formação religiosa deles, podendo ser induzidos a aceitar o único modelo de sacerdote e descreer dos mais.

Ora eu quero aplanar. Eu quero fazer doutrina para todos, mas muito principalmente para a legião actual e vindoura dos rapazes da Obra da Rua. Eu quero que eles andem bem informados. Eu devo-me totalmente a cada um deles. Este artigo será, por isso, um **Cantinho dos Rapazes**.

Para começar, e ser muito claro, vou dizer das alfaces. Nós temos camteiros delas em abundância. Os cozinheiros colhem, preparam e todos nós comemos. Há umas brancas, repolhudas e doces. Há umas verdes, esguias e amargas. Tudo é alface. Todos comemos delas. Umhas doces, outras amargas.

Da salada suba-se aos animais. O Chico, de Casaldelo, que ama tanto as suas pombas, não faria o mesmo às víboras.

Dos animais subamos aos rapazes. Sem dizer aqui nomes, vós sabeis como têm provado alguns dos nossos dentro das nossas Casas: recebendo todos a mesma orientação, entre nós tem havido pombas e víboras...

Do rapaz subamos ao sacerdote e aqui é precisamente aonde eu quero chegar. A Igreja é a Obra de Cristo Redentor, continuada por homens escolhidos, todos sob um único Chefe, cada um ocupado na sua obrigação. São os padres. Nem eles são iguais, nem as suas obrigações. Mas todos se sentam na Cadeira de Moisés,

ensinam a mesma Doutrina, ministram os mesmos Sacramentos com a mesma intenção. Nós não podemos nunca avaliar, tão pouco supor o heroísmo escondido da vida dos sacerdotes! Vós não, que não tendes idade nem experiência, mas os nossos leitores, sem dizer nomes, podem fechar os olhos e ir com a memória buscar aquele padre que conheceram ou conheceram, grande e sublime na paróquia, no púlpito, na cátedra, na cela, nas missões — cada um na sua obrigação.

Não é possível; isto de querer ou esperar que todos os padres da Igreja sejam iguais a um determinado, é um racio-

cnio puramente humano. Pequeno como nós. Não tem fundamento na Verdade.

Os dons de Deus não são em si iguais nem dados igualmente a cada um.

A Igreja é prodigiosa nos seus ensinamentos, na sua fecundidade, nos seus escolhidos. Todos eles são necessários. Se algum destoa, esse tem lugar e é para provar a humildade dos outros e afirmar a sua origem divina. Sendo, como é, Obra de Deus, a Igreja está, na verdade, fora e acima das qualidades e dos defeitos dos seus obreiros.»

Padre Carlos

Do que nós necessitamos

Cont. da 3. pág.

gos do Bairro da Pasteleira, 2.500\$00; assinante n.º 12027, mil; um saco plástico com fraldas descartáveis para o nosso Calvário. As meninas que tratam dos nossos Doentes ficaram tão contentes! Vinte alunos da Escola n.º 6, anexa à Escola do Magistério Primário de Castelo Branco, 1.500\$00 e mais uma carta linda com desenhos que são um amor. Recebi, também, beijinhos de todos os nossos «Batatinhas». Para um bocadinho de pão, uma nota de mil. Mais um grupinho de Amigos, da Escola de Gandra (Ermesinde), com muitos beijinhos para os nossos mais pequeninos e quinhentos escudos que juntaram, retirados com satisfação ao pou-

quinho que os pais lhes dão. O pai de Pedro e Susana com três mil escudos «para os muitos filhos que a Obra tem». Assinante 31083, vinte mil escudos; mais cinco notas iguais, de Maria de Jesus, por intenção dos pais; vinte e um mil e quinhentos escudos de «um casal de velhotes». Carlos, lembrando Pai Américo, 20.000\$00; Amigos, de Pardelhas, com roupas, dez mil e mais mil escudos. «Mãe que cre em Deus», 600\$00. Durban (África do Sul), 20 rands; Elvira, de V. N. Gaia, com muito carinho e admiração pela nossa Obra — da qual também os pais foram sempre muito amigos — duas notas de cinco mil. E dez vezes mais, de Febres.

Fernando Dias

Lar Operário em Lamego

A casa está cheia. Alguns foram passar as férias com familiares, ou amigos, mas regressaram todos.

A maioria frequenta a Escola e as aulas já começaram. Estava prevista uma sala de estudos, cujas obras se encontram quase concluídas. Conseguimos pagar aos artistas no fim da semana. Os materiais de construção, porém, foram comprados a crédito.

Quando será possível amortizar?

Os fornecedores, cheios de boa vontade, facilitam e querem colaborar; todavia, quando me encontram, só pedem para não me esquecer...

A cidade de Lamego é pequena e as ruas são quase as mesmas em todas as direcções. Por este motivo não posso fugir ao encontro daqueles quem devo...

Quando terá fim este sofrimento íntimo?!

Umhas coisas pedem outras.

Com a sala de estudos a funcionar, os rapazes estão mais juntos e é preciso alguém que tome conta, que oriente os deveres escolares e que ajude a criar ambiente de trabalho.

Convidámos uma estudante desempregada que veio no primeiro dia de Outubro. Não é da cidade e o «passe» custa 2.120\$00 por mês. No fim dos trinta dias, para além do que Deus lhe possa dar, eu só lhe retribuirei com um muito obrigado!

Sabemos, porém, que o Evan-

«Através da leitura d'O GAIATO vejo, em cada quinzena, o que vai pelo País, no que concerne a lares desfeitos, pobreza extrema, filhos que abandonam o lar, drogados, e não sei que mais dizer!

Chocou-me aquele caso duma senhora, de Lisboa, com 5 filhos, todos abandonando o lar e caindo no vício da droga!

E se fosse só este caso! Quando me lembro de que poderia também eu ter filhos em condições semelhantes, quantas graças dou a Deus!

Assinante 8758»

«O vosso ou «nosso» jornal tem sido duma utilidade espantosa na minha vida interior! A simplicidade com que está escrito, a vivência real dos factos descritos, tudo me ajuda e me dá força para não desanimar frente a graves problemas que enfrento.

Presentemente tenho um filho preso, porque se envolveu na droga. Ao meditar na forma como procurais educar os vossos rapazes, do trabalho a que os habituais desde pequenos, sinto que falhei, como mãe; não por vontade própria, mas porque não soube ou não pedi, com muita fé e insistência, o auxílio de Deus.

Assinante 27809»

«Amigos: Tudo que vem daí enche o meu pobre coração, tão envelhecido de tristezas!

Mando um vale de correio. Tão pouco para aquilo que eu gostaria de enviar!

Se os zeros fossem baratos, quantos acrescentaria todos os meses!

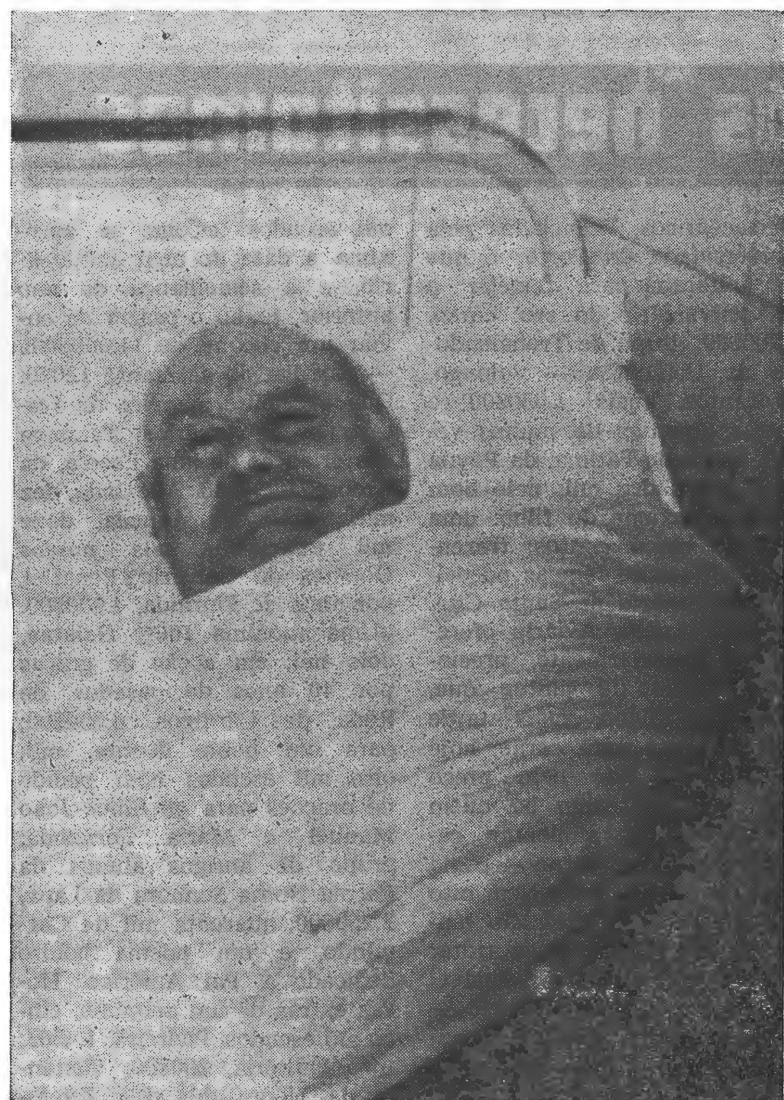
Não é promessa, pois não gosto de promessas...

Estou a escrever por cima d'O GAIATO. Vejo um «Batatinha» do Tojal e dói muito pensar em todos os outros, ainda em piores condições, sem terem um bocadinho de pão ou um beijo!

Assinante 19305»

gelho manda pagar o salário a quem trabalha. A virtude da caridade não pode tirar o valor à virtude da justiça. Temos de bendizer o Senhor por encontrarmos quem nos ajude, pois quantas vezes ouvimos dizer que nem por dinheiro se encontram servidores. É natural que tudo se venha a normalizar. Confiamos nos homens compreensivos e nos corações bons que Deus deixou na terra para alívio e consolação dos que precisam.

Padre Duarte



Só por detrás de todo um panorama verdejante se situa o Calvário dos que sofrem no leito, tantos deles de sorriso franco e encorajante para quem chega.

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administr.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel